anãnsi Revista de Filosofia | ISSN: 2675-8385

Salvador, Volume 06, Número 01, 2025

A educação no continente africano: alguns aspectos

Education on the african continent: some aspects

Francisco Antonio de Vasconcelos
Universidade Estadual do Piauí
franciscoantonio_vasconcelos@yahoo.com.br

Rafaela Barros Cavalcante
Universidade Estadual do Piauí
rafaelabcavalcante@uespi.br

Resumo / A pesquisa teve por objetivo realizar uma abordagem introdutória, e geral, da situação educacional do continente africano na atualidade, destacando alguns de seus pontos centrais. Como problema de pesquisa temos: em linhas gerais, quais são os principais desafios para a África no campo educacional nas próximas décadas? Para uma melhor compreensão da presente situação em que se encontra a questão educacional naquele continente, lançamos o olhar para algumas décadas atrás, buscando ver a situação em que os países africanos se encontravam quando eles alcançaram a sua independência em relação aos colonizadores europeus. A independência não resultou para a África em ganhos educacionais significativos. Dada a variedade de países que formam aquele continente e à complexidade de cada um deles, em nossa pesquisa buscamos nos ater às vezes a pontos que são comuns ao conjunto do continente outras vezes a grupos específicos de países.

Palavras-Chave
Educação; África; Desafios; Futuro.

Abstract / The research aimed to provide an introductory and general approach to the current educational situation on the African continent, highlighting some of its central points. As a research problem we have: in general terms, what are the main challenges for Africa in the educational field in the coming decades? To better understand the current situation in which the educational issue finds itself on that continent, we look back a few decades, seeking to see the situation in which African countries found themselves when they achieved their independence from European colonizers. Independence did not result in significant educational gains for Africa. Given the variety of countries that make up that continent and the complexity of each of them, in our research we seek to focus, sometimes on points that are common to the continent as a whole, other times on specific groups of countries.

Keywords
Education; Africa; Challenges; Future.

Considerações iniciais

A presente pesquisa realizou uma abordagem introdutória, e de modo amplo, da situação educacional do continente africano em nossos dias, sublinhando os seus principais aspectos. Tendo isto em mente, definimos como problema de pesquisa o seguinte: *grosso modo*, quais são os principais desafios para a África no campo educacional nas próximas décadas?

Para uma melhor compreensão da presente situação em que se encontra a questão educacional na África, é mister lançar o olhar para algumas décadas atrás, buscando ver a situação em que os países africanos estavam quando eles alcançaram a sua independência em relação aos países europeus, até aquele momento os seus colonizadores. Embora se possa falar de alguma contribuição educacional (estamos nos referindo ao sistema educacional formal, direta ou indiretamente) advinda do período colonial para o continente africano, pode-se afirmar que o período de colonização, iniciada com a Conferência de Berlim (1884-1885), não resultou para a África em ganhos educacionais significativos. Ao contrário, o que se viu foi os europeus entregarem para a administração africana um conjunto de países com um sistema de educação formal praticamente inexistente ou bastante precário. Ao longo desta nossa investigação, tivemos sempre diante dos olhos este estado de coisas.

Essa lembrança do passado ajuda a melhor observar e a compreender com mais propriedade o momento presente da educação, vivenciado pelas populações continente africano. Dada a variedade de países e à complexidade de cada um deles, em nossa pesquisa buscamos nos ater a pontos que são comuns ao conjunto do continente ou a grupos de países.

No início do século XXI, o continente se deparava com um cenário nada alentador: a África apresentava as maiores taxas de repetência do planeta, com mais de 20% para o nível primário; além disso, a região possuía uma baixa cobertura escolar; ajuste fora do mapa escolar que levava ao paradoxo do fluxo duplo nas áreas urbanas e das escolas vazias nas áreas rurais etc. Assim, apesar dos esforços feitos na maioria dos países, persistiam disparidades entre a oferta e a procura: de um lado, detectava-se a presença de escolas com um índice de frequência abaixo de sua real capacidade; de outro lado, havia escolas em situação de excesso de pessoal (Kouadio, 2001). Outro dado importante é que, no continente africano, muitos países ainda tinham uma taxa bruta de inscrições abaixo de 50% (Pilon; Gerard; Yaro, 2001).

> A década de 1990 marcou uma retomada da escolarização, às vezes, assumindo a aparência de uma verdadeira explosão

> educacional (por exemplo, no Mali[1]). Este desenvolvimento é o resultado, a um só tempo, da democratização e da diversificação da oferta escolar e de seus atores (para além do Estado, que se retira cada vez mais, os doadores de fundos, ONGs e famílias etc.); também parece resultar de uma mudança nas representações e expectativas em relação à escola, por parte dos filhos e dos pais (Gérard, 1999 *apud* Pilon; Gerard; Yaro, 2001, p. 5).

Certamente, não se pode desconsiderar o fato de ser a demanda por educação no continente africano uma área de pesquisa relativamente recente. Contudo, os estudos já realizados sobre o assunto apontam para a importância de determinados aspectos norteadores, dentre os quais podemos citar: a oferta educacional, o papel da família, a redução das desigualdades entre os sexos e as regionais, a educação dos jovens e adultos, o fortalecimento da democracia, a modernização da África, o desenvolvimento econômico dos países que a compõem. Finalmente, a pesquisa teve presente o tempo inteiro que a educação é um direito de todos e uma necessidade para a África (Pourtier, 2010).

Alguns aspectos norteadores

Para lidar com algo tão amplo e complexo como a questão educacional no continente africano, foi preciso vislumbrar certos fios condutores, necessários para dar um rumo ao nosso trabalho, vejamos:

A oferta educacional: diante do contexto africano, entretanto, não se pode deixar de considerar que se, por um lado, a oferta de escolas é um elemento preponderante da escolarização; por outro, ela não constitui por si só a única condição do seu desenvolvimento educacional. Afinal, quando não há escola perto de casa, os pais frequentemente confiam os seus filhos a outras famílias que moram onde existe oferta de vaga escolar. Nesse sentido, deve-se compreender que a “escola” é um "fato social" e assim deve ser encarada, isto implica em dizer que o seu funcionamento ecoa o modo como a própria sociedade, na qual ela está inserida, funciona. “Os desafios da escolarização certamente se revelam múltiplos e complexos [...]. A pesquisa nesta área ainda está em sua infância na África” (Pilon; Gerard; Yaro, 2001, p. 5).

As desigualdades entre homens e mulheres: o enfrentamento das desigual-dades entre homens e mulheres em solo africano é um problema da região que apresenta suas distorções também no campo educacional. Desse modo, uma questão de partida consiste em saber quais são as barreiras para o acesso e retenção das meninas na escola?

[1] Nos últimos anos, o Mali vem passando por instabilidades no campo político cujos efeitos geram dificuldades para o campo educacional do país. Deve-se destacar que esses conflitos estão diretamente ligados à tentativa do Mali e dos países da região de pôr fim à presença da França (militar, mas com interferências tanto econômicas quanto políticas) na África Ocidental. Uma herança negativa do período colonial francês em solo africano.

> 2012 foi um ano importante em África para as mulheres. Em abril, Joyce Banda se tornou a primeira mulher presidente de Malawi e a segunda mulher presidente em exercício na África. Em junho, Fatou Bensouda, da Gâmbia, tornou-se a primeira mulher africana Procuradora-Geral do Tribunal Penal Internacional (ICC), antes disso foi Procuradora subchefe do Ministério Público do ICC desde 2004. Podemos citar também Zainab Hawa Bangura de Serra Leoa, que foi nomeada em junho Representante Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas para questão de violência sexual em conflitos. Finalmente, em julho, Dra. Nkosazana Dhlamini-Zuma, da África do Sul, tornou-se a primeira mulher Presidente da Comissão da União Africana, órgão executivo da União Africana (Iversen; Nyamakanga, 2012, p. 10).

Contudo, o caminho a ser percorrido a fim de que o continente africano venha a garantir educação universal para as meninas, infelizmente, ainda é muito longo. Propiciar-lhes uma educação de qualidade é uma estratégia fundamental para romper o ciclo de pobreza que ameaça não apenas a elas, mas também à sua comunidade (Iversen; Nyamakanga, 2012).

As diferenças econômicas entre as regiões: a respeito das diferenças econômicas entre as regiões que formam o continente estudado, a solução dos problemas educacionais que afetam a cada uma delas é condição *sine qua non* para que esses territórios alcancem os indicadores de desenvolvimento econômico e social desejáveis.

> A África está entrando em uma era que, segundo a maioria dos observadores e especialistas, determinará seu destino e fará dela o continente do futuro. Esta ambição de um futuro brilhante só será concretizada se o continente se reconciliar com os seus sistemas de educação e formação que ainda carregam o pesado fardo da sua herança colonial, bem como o peso de suas próprias tribulações como uma nova entidade política e econômica na arena global. Com o objetivo de "criar" um novo cidadão africano que seja um agente de mudança eficaz para o desenvolvimento do continente como previsto pela União Africana em sua agenda de 2063, a Comissão da União Africana elaborou uma estratégia continental de educação para a África para a década 2016-2025 (African Union, 2015, p. 7).

A União Africana sugere que se ofereça apoio aos Estados Membros a fim de se desenvolver estratégias a nível nacional, voltadas a obtenção dos objetivos do CESA 16-25. Ela sugere ainda uma conjugação de forças, envolvendo os Estados Membros, as organizações da sociedade civil e o setor privado para que os referidos objetivos sejam alcançados. No que diz respeito a cada país, cabe "Criar um ambiente propício para o fortalecimento de parcerias público-privadas, visando contribuir para o desenvolvimento de uma educação e formação de qualidade a serviço da transformação econômico e social" (African Union, 2015, p. 32).

A educação dos jovens e adultos: no que tange às questões relativas à educação dos jovens e adultos, deve-se ter em conta que este é um problema que exige ser tratado

com uma abordagem própria, ou seja, utilizando uma visão africana, mas que significado profundo dar à perspectiva africana da educação de adultos? (Baba-Moussa; Moussa; Rakotozafy, 2014). Certamente, trata-se de algo que precisa ser realizado dentro de

> [...] uma visão de mundo inspirada no contexto sociocultural africano, com vista a explorar debates paradigmáticos como conceituado por pensadores africanos, especialmente os autores das teorias da era pós-colonial do Renascimento Africano e Pan-africanismo, bem como de outros porta-vozes das experiências dos povos do continente (Baba-moussa; Moussa; Rakotozafy, 2014).

O fortalecimento da democracia: quanto a este ponto, sabe-se que se trata de um desafio importante para o continente africano (Guéye, 2009). Para enfrentá-lo, a universalização da escola ali é uma necessidade. Afinal, "A educação contribui para o empoderamento de pessoas e permite promover a paz no seio das comunidades, aumentar a participação cidadã e fortalecer as democracias" (African Union; Unicef, 2021, p. 3).

A autodeterminação (dos povos ou das comunidades e etnias) é o núcleo duro da democracia. Nesse sentido, "Os povos e as comunidades têm boas razões para querer autodeterminação na educação. A educação é um ato intrinsecamente político, ou seja, um ato necessário para a distribuição das relações de poder de uma sociedade (Langlois, 2017, p. 174).

A modernização do continente: em relação ao desafio de construir uma África moderna, não se pode olvidar que essa tarefa, para se tornar uma realidade, exige a universalização do acesso à educação naquele continente. É preciso que o ingresso no sistema educacional formal (educação básica e superior) seja efetivamente um direito garantido a todos os africanos e africanas, independentemente de sua origem étnica, regional, racial, religiosa, econômica, de gênero ou de ideologia política (Unesco/Breda, 2005).

Além disso, há também outro elemento a ser observado aqui, isto é, o sistema educacional desenvolvido em cada país africano não deve estar a serviço do mercado (Shapiro; Bommier, 2001), atuando como uma ferramenta à disposição dos interesses dele, mantendo um processo destinado a produzir concentração das riquezas nas mãos das elites desses países e do empobrecimento da própria África. Ao contrário, esses sistemas educacionais devem trabalhar em favor do desenvolvimento humano, social, cognitivo e da distribuição equitativa de renda, a fim de permitir o enriquecimento das famílias daquele continente (Langlois, 2017).

O desenvolvimento dos países africanos: a respeito disso, pode-se dizer que a solução dos problemas educacionais da África, é condição fundamental para que o continente obtenha um duplo benefício: de um lado (externamente), o enriquecimen-

to desses países, incluindo-os econômicamente no cenário mundial como nações autônomas e autodeterminadas; por outro lado (internamente), esse crescimento econômico convertido em efetivo desenvolvimento, ou seja, em melhoria do bem-estar geral das respectivas populações. A esse respeito, uma atenção especial deve ser dirigida à África subsaariana:

> A África Subsaariana também é a região do mundo, que deve se esforçar para alcançar o mais importante em direção a uma sociedade baseada no conhecimento, ao mesmo tempo, tentar reduzir as múltiplas desigualdades que persistem entre e dentro de seus países membros. Os países da África subsaariana são, portanto, ainda mais interessados do que outros países pobres, na questão da relação entre educação e desenvolvimento (Henaff, 2006, p. 67).

Essas linhas condutoras funcionaram como elementos balizadores para que lográssemos alcançar os objetivos da pesquisa.

Sobre os resultados da pesquisa

Sublinhamos aqui dois dos resultados alcançados através da realização do nosso trabalho, são eles:

a) Aprofundamento dos estudos no campo da filosofia africana, especialmente, no que se refere à situação educacional da África na atualidade;

b) Compreensão e descrição do papel libertário do pensamento filosófico produzido e em produção em África, sobretudo, no que se refere aos desafios educacionais postos ao referido continente, agora e nas próximas décadas.

Quanto ao primeiro ponto, entendemos que ter alcançado este resultado foi proveitoso à educação, por algumas razões: a) Tanto a filosofia moral quanto a filosofia política propiciam o alargamento de nosso conhecimento sobre a dimensão ética, sendo, portanto, algo indispensável para se definir as atividades a serem executadas em âmbito educacional; b) Qual modelo educacional deve ser seguido pelos países do continente africano? Esta é uma pergunta que continua valendo. Na verdade, cada um deles busca respondê-la a partir de seu próprio contexto. Assim, consideramos que um modelo educacional necessário a um país deve ter como uma de suas características principais a formação humana da pessoa (indivíduo e sociedade) *qua homine*, nesse sentido conhecer mais sobre as questões relativas à situação educacional do continente africano na atualidade, indubitavelmente, representa uma ajuda importante para pensarmos a educação em seu conjunto, especialmente no que se refere à busca de uma nova racionalidade (mais responsável e solidária) capaz de orientar tanto os indivíduos quanto os Estados e as sociedades, nas tomadas de decisões, gerando racionalidade solidária para uma melhor definição das políticas públicas educacionais; c) Além disso, propicia contribuições também ao campo cultural,

uma vez que oferece suporte teórico e empírico para fortalecer a consciência de que inclusive a África é multicultural.

Quanto ao segundo, estamos convencidos de que compreender melhor a força libertária, presente na filosofia africana, representa ter indicadores que podem ser transformados em políticas públicas antidiscriminatórias na área da educação (Lange, 1999), além de outras áreas como a saúde, o saneamento, a habitação, a segurança etc., mas principalmente no que se refere à formação ética e política do ser humano. E mais, alargar os nossos conhecimentos sobre a situação educacional africana (analisada numa perspectiva filosófica) vivenciada atualmente no continente em questão, significa também adquirir ferramentas teóricas na luta contra a discriminação étnico-racial, não apenas por lá, mas inclusive aqui no Brasil. Afinal, sabe-se que em nosso país ainda persiste a discriminação através do acesso à educação, por exemplo.

Considerações finais

A presença da Europa colonizadora em solo africano, a partir do final do século XIX, não deixou como herança para nenhum dos países africanos a implantação de sistemas educacionais adequados, por isso, no período pós-colonial, em cada país de África, os seus novos governos precisaram encarar essa tarefa. Infelizmente, no apagar das luzes do século XX, o cenário educacional africano permanecia bastante precário.

Os eventos políticos e econômicos vivenciados pelo continente, nas décadas que sucederam a independência de cada país, ajudam a compreender essa estagnação no campo educacional. Nesse sentido, para ilustrar, podemos citar: a) na esfera política: a luta interna pela tomada de poder que, em alguns casos, evoluiu para guerras civis; golpes de Estado (às vezes sucessivos; às vezes elevando ao poder certos mandatários que se mantiveram à frente de seu país por um período assaz longo[2]); a interferência de países exógenos (europeus, Estados Unidos, URSS) nos assuntos políticos de países africanos. b) na esfera econômica: a negativa herança econômica recebida do período colonial; a aplicação do neoliberalismo ao *design* das políticas econômicas dos países africanos, especialmente, a partir do final dos anos 1970 até a década de 1990; a interferência constante de forças externa à África nos assuntos econômicos do continente.

De fato, a questão educacional é um desafio que se impõe a cada um dos 55 países que compõem o continente africano. Não se trata de um problema de solução fácil, mas de algo bastante desafiador, porém, factível.

[2] Houve casos em que o poder ficou nas mãos de uma mesma família por décadas.

A aproximação do século XXI motivou para que se prestasse mais atenção à situação educacional, especialmente, nos países da periferia global. Assim, desde a década de noventa, vai se fortalecer a ideia de que a educação é um direito de todos, conforme foi defendida pela Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien, Tailândia, em 1990 (Pilon; Yaro, 2001).

Deve-se reconhecer que esforços vêm sendo feitos em África para avançar na solução dos problemas no campo da educação, o que exige planejamento. Há esforços desta natureza por parte no continente (*Agenda 2063*; *Estratégia Continental da Educação para a África – CESA 16-25*) (African Union, 2015). O enfrentamento da questão educacional naquele continente exige que se pense o problema em três níveis, isto é, continental, regional (blocos de países) e local (cada país), para isso é fundamental o diálogo entre os governos envolvidos (e seus respectivos órgãos), compartilhando informações e elaborando estratégias de ações.

Note-se ainda que, para o bem e para o mal, a modernidade vem avançando em África. Assim, neste período pós-colonial, num mundo globalizado e tecnocêntrico em que vivemos, investir em Educação não é algo que os países desse continente podem escolher fazer ou não, mas se trata de algo fundamental para o desenvolvimento dos povos africanos. Cada país africano deve organizar adequadamente o seu sistema educacional (embora não seja a única exigência a ser cumprida) é condição indispensável para deixar efetivamente de ser colônia, por exemplo, superando o paradigma atual no qual os países do continente se limitam a exportar comodities e a importar tecnologia.

Mas, como já foi colocado anteriormente, qual modelo educacional deve ser adotado pelos países africanos? Trata-se de uma questão nada fácil, mas necessária. Seja qual for o caminho escolhido por cada um desses países, dois elementos merecem ser contemplados nessa decisão: priorizar a educação básica, sem descuidar do ensino superior; ao Estado deve ser dado a tarefa de alavancar a educação nesses países, não à iniciativa privada (endógena ou exógena), mas ao Estado (Lange, 1999).

Referências

AFRICAN UNION. **Strategie continentale de l'education**: CESA 16-25. African Union: Addis Ababa, 2015. Disponível em: <https://au.int/sites/default/files/newsevents/workingdocuments/33178-wd-cesa - french -final.pdf >. Acesso em: 16 fev. 2021.

AFRICAN UNION; UNICEF. **Transformer l'éducation en afrique - résumé exécutif**. Un aperçu base sur des données probantes et des recommandations pour des améliorations à long terme. Addis Ababa/Genève: African Union; UNICEF, 2021. Disponível em: <https://learningportal.iiep.unesco.org/fr/bibliotheque/tr

ansformer-leducation-en-afrique-un-apercu-base-sur-des-donnees-probantes-et-des>. Acesso em: 6 abr. 2022.

BABA-MOUSSA, Abdel Rahamane; MOUSSA, Laouali Malam; RAKOTOZAFY, José. **Perspectives africaines de l'éducation des adultes**. Fondements et philosophie de l'éducation des adultes en afrique. Hambourg/Yaoundé: UIL/Les Presses universitaires d'Afrique, 2014. (Collection Apal).

GUÈYE, Babacar. La démocratie en afrique: succès et résistances, **CAIRN.INFO: Matières à Réflexion**, v. 2, n. 129, p. 5-26, 2009.

HENAFF, Nolwen. Education et developpement: regard critique sur l'apport de la recherche en economie. In: PILON, Marc. **Défis du développement en Afrique subsaharienne L'éducation en jeu**. Paris: IRD, 2006, p. 67-93. Disponível em: <https://www.documentation.ird.fr/hor/fdi:010038536>. Acesso em: 8 out. 2022. (Savoirs et développement).

IVERSEN, Eva; NYAMAKANGA, Regis (ed.). **Parce que je suis une fille** - Rapport Afrique 2012: Progrès et Obstacles a l'Education des filles en Afrique. Dakar/ Nairob/Ouagadougou: Plan, 2012. Disponível em: <https://plan-international.org/uploads/2022/01/progres_et_obstacles_education_des_filles_en_afrique_plan_international_2012_fr_c.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2022.

KOUADIO, Alice. Avant-propos: Point de vue d'un planificateur de l'éducation. In. PILON, Marc; YARO, Yacouba (org.). **La demande d'education en Afrique: etat des connaissances et perspectives de recherche**. (Reseaux thematiques de recherche de l'UEPA/UAPS thematic research networks, n. 1, p. 1-3, 2001). Disponível em: <https://www.documentation.ird.fr/hor/fdi:010029631 >. Acesso em: 7 mai. 2022.

LANGE, Marie-France. Les politiques publiques d'éducation en Afrique. In. **Comportements des ménages et dynamiques sociales en période de mutation:** conséquences pour les politiques publiques dans les pays en développement; expertise collégiale de l'ORSTOM/IRD, p. 1-17, 1999. Disponível em: <https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_7/b_fdi_53-54/010020378.pdf >. Acesso em: Jan. 2024.

LANGLOIS, Philippe. Démocratie et éducation: à retenir du FSM 2016, **Nouveaux Cahiers du socialisme**, n. 17, p. 173–180, 2017. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/ncs/2017-n17-ncs02920/84474ac.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2022.

PILON, Marc; GERARD, Etienne; YARO, Yacouba. Introduction. In. PILON, Marc; YARO, Yacouba (org.). **La demande d'education en Afrique: etat des connaissances et perspectives de recherche**. (Reseaux thematiques de

recherche de l'UEPA/UAPS thematic research networks, n. 1, p. 5-15, 2001). Disponível em: <https://www.documentation.ird.fr/hor/fdi:010029631 >. Acesso em: 7 mai. 2022.

POURTIER, Roland. L'éducation, enjeu majeur de l'Afrique post-indépendances. Cinquante ans d'enseignement en Afrique: un bilan en demi-teinte, **CAIRN.INFO: Matières à Réflexion**, v. 3 n. 235, p. 101-114, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-afrique-contemporaine1-2010-3-page-101.htm >. Acesso em: 4 jul. 2020.

SHAPIRO, David; BOMMIER, Antoine. Introduction à l'approche économique de la demande d'éducation. In. PILON, Marc; YARO, Yacouba (org.). **La demande d'education en Afrique: etat des connaissances et perspectives de recherche**. (Reseaux thematiques de recherche de l'UEPA/UAPS thematic research networks, n. 1, p. 49-62, 2001). Disponível em: <https://www.documentation.ird.fr/hor/fdi:010029631 >. Acesso em: 7 mai. 2022.

UNESCO/BREDA. **Education Pour Tous en Afrique: Repères pour l'Action**. Rapport présenté au Forum Dakar +5. Dakar: Bureau Régional pour l'Education en Afrique, 2005. Disponível em: <http://hubrural.org/IMG/pdf/ept_afrique_resume_fr.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2022.